

MOEDAS DA ÉPOCA ROMANA CUNHADAS NO ACTUAL TERRITÓRIO ALGARVIO

*António Marques de Faria **

Das cecas que funcionaram durante a época romana na Península Ibérica, cinco pertencem ao território actualmente algarvio. São elas *Baesuri* (Castro Marim), *Balsa* (entre a Quinta da Torre de Ares e Pedras d'El-Rei, Tavira), *Cilpes* (Silves), *Ipses* (Vila Velha, Alvor) e *Ossonoba* (Faro). Todas elas cunharam em bronze, tendo as cidades do litoral sul utilizado igualmente o chumbo como metal amoeável. Debrucemo-nos mais pormenorizadamente, e por ordem alfabética, sobre cada uma das cecas supracitadas.

Baesuri (Castro Marim)

Se, por um lado, ao longo deste século, têm sido colocadas algumas reservas ao reconhecimento da existência do topónimo *Baesuri* (cfr., ultimamente, Alarcão, 1988, 58, 135, 146, n. 108; Alarcão, 1990b, 432; Sillières, 1990, 20, 442, 443, n. 315, 658, 886), por outro, a localização em Castro Marim da cidade assim designada já não é, hoje em dia, passível de qualquer contestação.

Para além de uma emissão, ausente do *CNH*, de presumíveis quadrantes de chumbo, mostrando um ramo no anverso e um barco estilizado sobre a legenda *BAES(uri)* no reverso (Casariego, Cores e Pliego, 1987, 121-122; Faria, 1987, 24) (Fotos 3 e 4), existe uma outra, composta por asses de bronze (*CNH* 400:1). Os anversos destas raríssimas moedas ostentam um peixe sobre uma legenda de difícil leitura. Seguimos aqui a interpretação de Mowat (1900, 17-24): *M(arcus) ANT(onius) ANT(ullus) ET CONL(egae)*. Os reversos são ocupados por duas espigas horizontais separadas pela legenda toponímica *BAESVRI*. Tanto o nome do magistrado — que, a ser correcta a leitura por nós adoptada, deverá necessariamente ser posterior ao nascimento de *Antullus*, filho primogénito de Marco António (Syme, 1989, 398) — como o facto de existir no Museo de la Casa de la Moneda de Madrid um exemplar (*CNH* 400:1) recunhado sobre um asse de *Imperatoria Salacia* (Vives 84:9) datável de 45/44 a. C. (Grant, 1969, 23, n. 1; Faria, 1989, 79-80; cfr. *infra*) levam-nos a colocar a presente emissão na última década do século I a. C. ou nas duas primeiras do século seguinte (*contra*, Chaves Tristán e García Vargas, 1994, 382, que a situam nos «años quarenta del siglo o algo más»). A nosso ver, nada justifica que se continue a atribuir as cunhagens de *Baesuri*, *Balsa*, *Murtili* e *Ossonoba* aos anos compreendidos entre 47 e 44 a. C. (*contra*, Alarcão, 1990b, 439), sendo ainda mais especulativo afirmar que aquelas foram emitidas pelos filhos de Pompeio (*contra*, Mantas, 1993, 479).

Balsa (entre a Quinta da Torre de Ares e Pedras d'El-Rei, Tavira)

Até há bem pouco tempo, pensava-se que em *Balsa* tinham apenas sido fabricadas moedas de chumbo, de diferentes valores, do quadrante (fotos 5 e 6) ao asse, reproduzindo barcos e peixes como tipos principais (Gomes e Gomes, 1981-1983; Faria, 1987, 24; Faria, 1993, 194). Porém, foi recentemente publicado um divisor de bronze (*CNH* 518:1A), apresentando no anverso um golfinho à esquerda (segundo o *CNH*, um atum à direita) e, no reverso, um cavalo à esquerda, sob a legenda *BALSA* (S retrógrado). Mais recentemente, foi publicado um possível quadrante de bronze ostentando os tipos já conhecidos dos relativamente comuns divisores de chumbo (Gomes, 1996, 27).

Convém esclarecer que o presumível asse dado a conhecer por Gil Farrés (1964, 35) (*CNH* 408:1) é feito de chumbo e não de bronze (*contra*, Gomes e Gomes, 1981-1983, 165; Chaves Tristán e García Vargas, 1994, 383).

Entre as peças que escaparam ao *CNH* conta-se um possível semisse, também de chumbo, que diverge de outros já conhecidos por ostentar numa das faces o topónimo *BALSA* entre duas espigas (Alvarez Burgos 140C)

As produções desta ceca devem pertencer ao século I a. C.



3.



4.



5.



6.

Cilpes (Silves)

Cilpes, que deverá corresponder à cidade de Silves (Veiga, 1910, 229-233) ou ao Cerro da Rocha Branca (Gomes, Gomes e Beirão, 1986, 77-78), cunhou asses de bronze com um cavalo nos anversos e uma espiga sobre o topónimo nos reversos (Vives 106:1-2 = CNH 420:1).

Em Vives 106:2 e no exemplar existente no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), proveniente de Monte Molião (Faria, 1987, 28, n. 18) (Fotos 7 e 8), é visível sobre o cavalo — tipo monetário largamente utilizado

3. e 4. Quadrante de chumbo de *Baesuri*.

5. e 6. Quadrante de chumbo de *Balsa*.



7.

pelos Cartagineses (Chaves Tristán e Marín Ceballos, 1992, 171-172) — um objecto em forma de amêndoa, colocado em posição vertical; talvez se trate de um motivo vegetal — folha, flor ou fruto —, atendendo ao presumível pedúnculo/pecíolo que observamos no respectivo vértice superior. Num exemplar recentemente observado por gentileza de José Rodrigues Marinho, pudemos distinguir sem dificuldade um crescente lunar sobre o provável motivo vegetal acima descrito. Junto ao crescente, do lado direito, julgamos ter visto as duas primeiras letras do topónimo. Ficamos, contudo, a aguardar o aparecimento de novos exemplares que nos permitam desfazer as dúvidas subsistentes.

Esta rara emissão terá sido produzida no século II a. C. ou nas primeiras décadas do século seguinte.

Soubemos por José Rodrigues Marinho, a quem agradecemos, que foram recentemente encontrados alguns divisores de chumbo e bronze, ainda inéditos, cunhados em *Cilpes*, ostentando os exemplares de chumbo, no anverso, uma cabeça masculina à direita precedida por L.NV — seguramente a abreviação do nome de um magistrado — e, no reverso, a legenda toponímica CILPIS, invertida, sob um golfinho à direita (Casariego, Cores e Pliego, 1987, 149, n.º 5).

Talvez tenham razão Machado ([1984], I, 411, s. u. Cibilitanos) e Alarcão (1990a, 361), ao relacionarem *Cilpes* com os *Cibilitani* registados por Plínio o Velho (HN 4.118) (*contra*, Faria, 1995, 146). A ser assim, o “etnónimo” pliniano deverá ser substituído por **Cilpitani*. Mais próxima desta forma reconstituída



8.

está, sem dúvida, *Cilibitani*, preconizada por Guerra (1995, 34, 107) e caucionada por alguns códices da obra de Plínio.

Ipses (Alvor, Portimão)

Esta ceca era, até há pouco tempo, virtualmente desconhecida. As raras moedas que hoje se conhecem são em bronze e em chumbo, sendo a existência destas últimas totalmente ignorada no *CNH*. Em escavações arqueológicas efectuadas na Vila Velha (Alvor) pela Prof.^a Teresa Gamito, foram recolhidos três exemplares de chumbo (Faria, 1987, 25; Faria, 1987-1988; Gamito, 1994a; Gamito, 1994b). Este facto deixa entrever que seria aí o seu local de produção, apesar de, ultimamente, terem sido achados noutros pontos do Barlavento algarvio diversos numismas de *Ipses*, alguns de tipos inéditos, que irão ser em breve objecto de publicação por parte de José Rodrigues Marinho.

As moedas de bronze (*CNH* 422:1; Fotos 9 e 10) ostentam nos anversos uma cabeça de Hércules semelhante às que figuram nas moedas de *Gadir/Gades* e de **Beuipum* (Faria, 1992, 41-42). Nos reversos, é visível um jovem montado num



9.



10.

golfinho, tendo por baixo a legenda IPSES. Dado o desgaste que os dois exemplares conhecidos apresentam, é deveras problemática toda e qualquer interpretação da legenda inscrita defronte da efígie de Hércules; MARIVS foi o nome que lemos, ainda que sem grande convicção (Faria, 1987-1988, 102-103).

Nos anversos das moedas de chumbo já conhecidas desde há alguns anos, podemos observar uma cabeça masculina incaracterística, enquanto, nos reversos, figura um golfinho sobre o topónimo (Casariego, Cores e Pliego, 1987, 149, n.º 4; fotos 11 e 12).

9. e 10. Semisse de bronze de *Ipses*.

11.



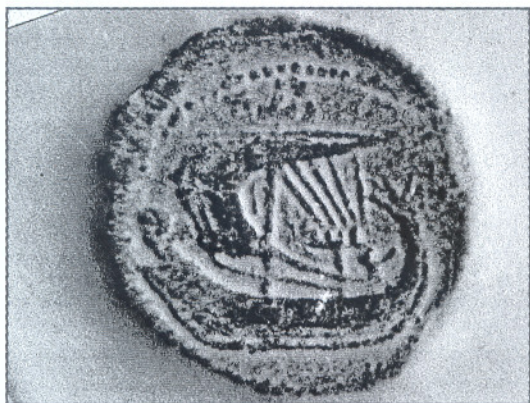
12.



Os divisores de chumbo ainda inéditos e que chegaram ao nosso conhecimento graças à amabilidade de José Rodrigues Marinho ostentam nomes de magistrados, para além de apresentarem tipos relacionados com o mar, facto que não surpreende, atendendo à presumível localização de *Ipses*.

Tanto a emissão de bronze como as de chumbo terão sido cunhadas no século I a. C., se bem que em momentos diferentes, dadas as divergências de natureza estilística e tipológica nelas detectadas.

13.



14.



Ossonoba (Faro)

As emissões de *Ossonoba*, cidade que jaz seguramente sob a actual cidade de Faro (Faria, 1987, 25) e não em Estoy [sic] (Chaves Tristán e García Vargas, 1994, 382), mostram grandes afinidades com as que foram produzidas pela vizinha ceca de *Balsa*, já que, também na ceca em análise, prevalece a temática marinha (embarcações, peixes, golfinhos), sendo igualmente predominante a utilização do chumbo como metal amoadado.

Entre as produções de *Ossonoba*, merece ser posta em evidência uma rara série de asses de bronze (CNH 424:1; fotos 13 e 14), vendo-se nos anversos um navio mercantil representado com algum pormenor; nos reversos, podem ser observados dois atuns separados horizontalmente pelo topónimo OSVNVBA. Segundo Chaves Tristán e García Vargas (1994, 383), a presente série deverá corresponder a um dupôndio, obedecendo o asse a um padrão de 13gr. O apuro artístico atingido no fabrico destas peças, bem distante do esquematismo detectável nas peças de menor valor, torna, a nosso ver, injusta a alusão à «pouca destreza dos entalhadores» (Chaves Tristán e García Vargas, 1994, 383).

A mesma nave parece encontrar-se no anverso de uma peça de chumbo, possivelmente um semisse, que ostenta no reverso um peixe a dividir ao meio a legenda OS-SO (CNH 424:1A; fotos 15 e 16).

Ao arrepio do que escrevemos anteriormente (Faria, 1995, 150), e apesar das semelhanças estilísticas e tipológicas entre os anversos de ambos os numismas, não estamos hoje em condições de assegurar que CNH 424:1 e 424:1A pertencem

13. e 14. Asse de bronze de *Ossonoba* (decalque).

15.> e 16.> Semisse de chumbo de *Ossonoba*

15.



16.



a uma só emissão; de facto, tanto a amoedação em metais diferentes como as distintas maneiras de escrever o mesmo topónimo podem apontar para a inclusão das duas moedas em outras tantas emissões.

Por não constar do CNH, vale a pena referir um divisor (quadrante?) (Alvarez Burgos 1547C) que exhibe um golfinho (e não um peixe) à esquerda no anverso e, no reverso, as letras pertencentes ao topónimo abreviado OSSO dispostas simetricamente em forma de cruz grega. Um exemplar com estes tipos foi publicado por Gomes (1996, 36), que interpretou incorrectamente a orientação do golfinho no anverso.

A moeda CNH 424:5, que Villaronga atribui a *Ossonoba*, foi certamente batida em *Balsa*, pertencendo à emissão CNH 408:2-3. Já Vives havia incluído nas emissões de *Ossonoba* dois exemplares pertencentes a *Balsa* (Vives 118:2-3) (Gil Farrés, 1964, 35, 36; Gomes e Gomes, 1981-1983, 163).

Cronologicamente, os numismas de *Ossonoba* deverão integrar-se, tal como as emissões balsenses, no século I a. C.

Bibliografia

Alarcão, 1988:

Alarcão, J. de — *Roman Portugal*, vol. I: Introduction, Warminster, 1988.

Alarcão, 1990a:

Alarcão, J. de — *O reordenamento territorial*, "Nova História de Portugal I: Portugal das Origens à Romanização", Lisboa, 1990, 352-382.

Alarcão, 1990b:

Alarcão, J. de — *A produção e a circulação dos produtos*, “Nova História de Portugal I: Portugal das Origens à Romanização”, Lisboa, 1990, 409-441.

Alvarez Burgos:

Alvarez Burgos, F. — *La moneda hispánica desde sus orígenes hasta el siglo V*, Madrid, 1992.

Casariago, Cores e Pliego, 1987:

Casariago, A., Cores, G. e Pliego, F. — *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*, Madrid, 1987.

Chaves Tristán e García Vargas, 1994:

Chaves Tristán F. e García Vargas E. — *Gadir y el comercio atlántico a través de las cecas occidentales de la Ulterior*, “Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana”, Huelva, 1994, 375-392.

Chaves Tristán e Marín Ceballos, 1992:

Chaves Tristán, F. e Marín Ceballos, M.C. — *L'influence phénico-punique sur l'iconographie des frappes locales de la Péninsule Ibérique*, “Numismatique et histoire économique phéniciennes et puniques. Actes du Colloque tenu à Louvain-la-Neuve, 13-16 Mai, 1987” (Studia Phoenicia IX), Louvain-la-Neuve, 1992, 167-194.

CNH:

Villaronga, L. — *Corpus Nummum Hispaniae Ante Augusti Aetatem*, Madrid, 1994.

Crawford, 1985:

Crawford, M.H. — *Coinage and Money under the Roman Republic*, London, 1985.

Faria, 1987:

Faria, A.M. de — *Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português*, “Numismática”, 47, 1987, 24-28.

Faria, 1987-1988:

Faria, A.M. de — *Ipsas, uma ceca hispano-romana do Sudoeste*, “Acta Numismática”, 17-18, 1987-1988, 101-104.

Faria, 1988:

Faria, A.M. de — *Algumas considerações a propósito do Álbum de la antigua colección Sánchez de la Coteria de moneda ibero-romana* (Madrid, 1986), “Numismática”, 48, 1988, 7-9.

Faria, 1989:

Faria, A.M. de — *A numária de *Cantnipo*, “Conimbriga”, 28, 1989, 71-99.

Faria, 1993:

Faria, A.M. de — *Moedas da época romana cunhadas no actual território português*, “História de Portugal dirigida por João Medina”, vol. II, Amadora, 1993, 192-196.

Faria, 1995:

Faria, A.M. de — *Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português*, “La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio. I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre de 1994)”, Madrid, 1995, 143-153.

Gamito, 1994a:

Gamito, T.J. — *Vila Velha*, “Informação Arqueológica”, 9 (1987), 1994, 119-120.

Gamito, 1994b:

Gamito, T.J. — *Ipsos (Vila Velha, Alvor)*, “Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 21-23 de Maio de 1993)”, Lisboa, 1994, 213-218.

Gil Farrés, 1964:

Gil Farrés, O. — *Hallazgos de unas «tesserae» (?) e identificación de una nueva ceca en el sur de la Península hispánica*, “Estudios de Numismática Romana”, Barcelona, 1964, 33-36.

Gomes, 1996:

Gomes, A. — *Moedas portuguesas e do território português antes da Fundação da Nacionalidade*, Lisboa, 1996.

Gomes e Gomes, 1981-1983:

Gomes, M.V. e Gomes, R.V. — *Novas moedas hispánicas de Balsa e Ossonoba*, “Nummus”, 2ª série, 4-6, 1981-1983, 155-182.

Gomes, Gomes e Beirão, 1986:

Gomes, M.V., Gomes, R.V. e Beirão, C. de M. — *O Cerro da Rocha Branca (Silves) — Resultados preliminares de três campanhas de escavações*, “4º Congresso do Algarve”, vol. 1, Albufeira, 1986, 77-83.

Grant, 1969:

Grant, M. — *From Imperium to Auctoritas*, Cambridge, 1969.

Guerra, 1995:

Guerra, A. — *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, 1995.

Machado, [1984]:

Machado, J.P. — *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Mem Martins [1984].

Mantas, 1993:

Mantas, V.G. — *As fundações coloniais no território português nos finais da República e inícios do Império*, “Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990)”, Coimbra, 1993, 467-500.

Mowat, 1900:

Mowat, R. — *Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie*, “O Archeologo Português”, 5, 1900, 17-24.

Sillières, 1990:

Sillières, P. — *Les voies de communication de l'Hispanie méridionale*, Paris, 1990.

Syme, 1989:

Syme, R. — *The Augustan Aristocracy*, Oxford, 1989.

Veiga, 1910:

Veiga, E. da — *Antiguidades monumentais do Algarve*, “O Archeologo Português”, 15, 1910, 209-233.

Vives:

Vives Y Escudero, A. — *La moneda hispánica*, Madrid, 1924-1926.

* Técnico Superior do IPPAR